

DESORDENS ORGANIZADAS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Andei uns dias afastado dos acontecimentos e agora, quando volto, vejo que esta velha República ainda não encontrou o caminho da temperança. Vai de mal a pior. Depois do espetáculo de Niterói, aprovado oficialmente pelo Governador do infeliz Estado do Rio, tivemos um começo de tumulto em São Paulo, na estrada de ferro Santos-Jundiaí, tivemos tumultos em Belo Horizonte, e agora temos a greve dos estudantes, encorajada oficialmente pelo Ministro da Educação. O equívoco desse ministro deve ser semelhante ao do Governador. Ambos ouviram dizer que há o direito de greve e que há um fundo de sensatez nas loucuras das multidões. Ouviram cantar o galo, e então pensam que é muito bonito e muito inteligente promoverem eles mesmos o motim ou a greve. Eles talvez pensem, sinceramente, que a existência de greves e de arruaças é sinal de progresso e prosperidade do país, como há gente que vê na vida noturna um dos índices mais expressivos da civilização de uma cidade.

Pelo pouco que vi, essa greve dos estudantes não é uma greve nem é dos estudantes. É no máximo o que nós antigamente chamávamos "paredes". Começou a história — e lá devia ter acabado — na Faculdade de Ciências Médicas, onde parece existir uma dificuldade entre os estudantes e o Diretor semelhante àquelas que na vida conjugal tomam a desencorajadora denominação de incompatibilidade de gênios. O professor Cumplido Santana é homem bom, dedicado à escola, mas parece inadequado aos tempos que correm. Quer tratar os estudantes com severidade rígida; com uma atitude desusada: daí os malentendidos. Os estudantes, segundo a declaração que um deles me fez, tomaram o caso da transferência da aluna como simples pretexto. Disse-lhe eu que não poderiam ter escolhido pretexto mais antipático, e que eu preferiria mil vezes ver o contrário, isto é, um diretor rabugento negando entrada da moça na Faculdade de Ciências Médicas e os alunos advogando um acolhimento mais cordial e cortês. Seja qual for o mérito da questão, não passaria pelo espírito de uma pessoa medianamente sensata que tal incidente pudesse ganhar proporções de questão nacional. Foi o que aconteceu graças à atuação de uma dessas entidades estudantis que se meteu na briga para azedá-la, para explorá-la, para fazer dela uma agitação a mais neste pobre e desgraçado país. Todos nós sabemos que essas entidades estudantis poderão ser entidades, já que o conceito de ente, em metafísica, é o mais amplo de todos; mas não são estudantis. Os meus alunos da Escola Nacional de En-

genharia sabem que tais entidades não representam nada, não exprimem nada, e consequentemente, num país policiado, não teriam o direito de pretender traduzir o pensamento coletivo dos moços estudantes. Todos nós sabemos que essas entidades são movidas por agitadores profissionais, recebem dinheiro para alimentar a fornalha ardente de seus nacionalismos, têm subvenção da Petrobrás, e são dirigidas por moços mais ou menos desviados que aproveitam o título de estudante para ter prestígio e eventualmente conseguir ingresso no domínio das atividades políticas. Mas o Ministro da Educação ignora o que todos nós sabemos. Não sei se ele tem medo das entidades estudantis ou se é por gosto, por amor, que concorda com elas tão descaradamente.

Tudo isto, no fundo, tem o mesmo cheiro acre e triste de miséria. Recomendando vivamente ao leitor o excelente artigo que José Artur Rios publicou terça-feira passada no "Diário de Notícias". Intitula-se "Nordeste Sem Aridez", e nele o autor nos conta o que viu recentemente em Fortaleza, e por ali se vê que os principais fatores do subdesenvolvimento brasileiro são internos, que o inimigo é interno, que o explorador do povo brasileiro está instalado, naturalizado, nacionalizado e estatizado. Por ali se vê que a onda nacionalista que anda por aí é uma reivindicação, uma esquisita reivindicação de privilégios: uns poucos brasileiros querem ter o privilégio de explorar o sangue brasileiro como já se tem o privilégio de explorar o petróleo. O que Artur Rios viu no nordeste, e mais particularmente na ex-briosa capital cearense, é algo que acabrunha mas que explica muitas outras coisas espalhadas que estavam precisando nexo. Fortaleza não tem uma só maternidade, diz o autor de "Nordeste Sem Aridez", mas tem quatorze clubes de luxo onde corre champanha francesa, o uísque escocês, e onde se fazem apostas de mil contos numa carta ou num retângulo do pano verde. Na porta deles está a mendicância, a miséria, o desabrigo, a prostituição.

O leitor estranhará talvez a aproximação que aqui faço entre esse fenômeno nordestino e a declaração do Ministro da Educação sobre a greve dos estudantes. Mas não estranhe. A aproximação é legítima. Os fenômenos são diversos, são muito diferentes na forma mas não são heterogêneos como possam parecer. O denominador comum é a corrupção e a inépcia do grupo que tomou conta deste país.

Um outro denominador comum das diversas desordens brasileiras pode talvez ser encontrado numa rudimentar esperteza que incita os

atuais dirigentes à promoção de motins, arruaças, descontentamentos, com o objetivo de organizar os elementos de um novo plano Cohen. Em palavras mais claras, o medo das eleições é capaz de levar essa gente ao desespero e à tentação de um golpe totalitário. Será nessa linha que devemos ver as insuflações de greves e depreciações produzidas por governadores e ministros? O momento parece-me delicado, e acho que o papel da oposição deve ser o de apontar os erros do governo, para desprestigá-lo, mas ao mesmo tempo deve ser o de evitar cuidadosamente a armadilha que está sendo preparada em nome da "segurança nacional". É tão certa a vantagem que estamos levando no terreno eleitoral e sucessório que devemos ter todo o cuidado para não comprometermos a situação. O que nós queremos, até 1961, é muito sossego, muita ordem, muita paciência, para que as eleições se realizem e os agitadores oficiais não tenham pretextos fáceis para o uso dos recursos extraordinários. Não precipitemos os acontecimentos, porque a melhor maneira de desmoralizar as metas e os desatinos deste governo é deixá-lo ir até onde o doutor Juscelino o quer levar. Ao contrário do que fizemos no 24 de Agosto, precisamos deixar todo o grupo afundar-se, desmanchar-se por si mesmo, desmoralizar-se totalmente diante da opinião pública.